

**DESEMPENHO ORTOGRÁFICO NA ESCRITA
DE ALUNOS DO 6º ANO:
DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Flávia Campos Cardozo (UFRRJ)

flaviac.cardozo@hotmail.com

Thatiana dos Santos Nascimento Imenes (UFRRJ)

nascimentothatiana@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a produção escrita de duas turmas de 6º ano no início deste ano letivo sob a ótica dos processos fonológicos que motivam os desvios ortográficos nesses textos elaborados após uma aula sobre a diferença entre fato e opinião realizada com o apoio do caderno pedagógico da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. A partir destas produções, foi realizado um levantamento dos desvios ortográficos da escrita desses alunos, levando-se em consideração quais eventos fonológicos determinados nessas ocorrências. Foram expostos assim os processos fonológicos a partir de quatro categorias distintas: apagamento, acréscimo, transposição e substituição. Este trabalho foi produzido a partir da disciplina de fonética e fonologia ministrado pela Profa. Dra. Mikaela Roberto no curso de Mestrado em Letras pela UFRRJ.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Produção escrita.
Desempenho ortográfico. Consciência fonológica.

1. Introdução

Ao longo da evolução ortográfica do sistema alfabético do português brasileiro, a escrita passou por várias mudanças. Assim, devemos levar em consideração que alguns registros que hoje fazemos de nossa língua, no passado eram feitos de outra forma. Alguns registros atuais, se estes fossem escritos há algum tempo, não estariam de acordo com o padrão da língua na época, como por exemplo, o caso do processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você*. “O Você, com maiúscula, usado para designar a elite, é [no Brasil do Oitocentos] uma forma de prestígio” (SOTO, 2001, p. 242). Assim, é fundamental que os professores de língua portuguesa tenham respeito pelos desvios ortográficos de seus alunos e saibam conduzir o processo de ensino e aprendizagem do nosso sistema escrito, pois seus os “erros” ortográficos muitas vezes estão relacionados à tentativa de aproximar a escrita da variação linguística que faz parte de sua realidade sociocultural.

A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais

destes usos. Neste sentido a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como produto acabado, pronto, fechado em si mesmo [...] (GERALDI, 2006, p. 28).

Portanto, os educadores precisam considerar as variantes socio-linguísticas que seus alunos trazem e vivenciam no convívio com seus familiares, amigos e convívios sociais que fazem parte de seu dia a dia e saber que elas influenciarão na sua escrita. Ao ensinar os aspectos ortográficos do português brasileiro, o professor deve levar em questão que os educandos na fase do 6º ano (ano escolar que será analisado nesse artigo) ainda não compreendem muito bem a diferença entre oralidade e escrita padrão, então procuram escrever considerando a sua consciência fonêmica a respeito da língua, aparentemente não tendo desenvolvido e compreendido plenamente a consciência fonológica.

Outro processo que demanda atenção do educador é fazer com que seus alunos compreendam que as regras de correspondência fonológico-grafêmica (relação entre som e sua representação gráfica, a produção escrita) são, muitas vezes, diferentes das regras de correspondência grafêmico-fonológica (relação entre letras e suas contrapartidas sonoras, a leitura).

Desta maneira, todo professor deve se ater à necessidade de, ainda nesse ano escolar e sempre que for necessário, abordar a existência de princípios norteadores na decodificação da língua (a leitura) que não são os mesmos que orientam a codificação da língua (a escrita). A distinção desses dois itens para reconhecer suas especificidades e diferenças deve ser um dos primeiros passos no processo de ensino aprendizagem em turmas que estão iniciando o segundo segmento do ensino fundamental, a fim de conscientizá-los do fenômeno em questão.

Na codificação, as relações entre oralidade e escrita são menos óbvias do que na descodificação. Há relações independentes do contexto, como na leitura, mas há as dependentes do contexto fonético, dependentes do contexto morfosintático e fonético, relações de derivação morfológica e, o mais difícil, as chamadas alternativas competitivas. (ROBERTO, 2013, p. 108)

O processo de aprendizagem da escrita torna-se ainda mais complexo que o da leitura, uma vez que a variedade sociolinguística que cada educando traz para a sala de aula vai determinar sua pronúncia, e, conseqüentemente, realizando-se diferentes maneiras de escrever. Apesar de muitos desses eventos de desvios ortográficos não interferirem necessariamente na compreensão do enunciado, a língua é um artefato social, então está submetida à noção de valor. Ou seja, o código escrito está, sim, vinculado ao preciosismo social, fazendo com que os desvios ortográficos

cos sejam malvistas em determinadas situações, bem como ocorre com a fala, além de favorecer a desenvoltura e a autonomia na escrita. “As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita [...] não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento [...]” (SOARES, 2002, p. 46).

Por isso, é preciso muita cautela ao analisar e ensinar esses processos da escrita, principalmente nessa etapa da escolarização do aluno, em que se deve explorar o estudo do fonema por parte do educando, despertando assim sua consciência fonológica e fazendo com que ele perceba a não correspondência total existente entre a oralidade e a escrita. O ensino do conteúdo ortográfico deve ser sistemático, ele deve ser construído a partir da interação do sujeito com o objeto da aprendizagem.

2. Análise das redações

Após esta breve reflexão em relação a considerações fundamentais no ensino e aprendizagem da escrita da língua portuguesa, destacando a necessidade de esclarecer logo de início, que a relação entre o oral e o escrito não é sempre diretamente correlacionada, iremos analisar a escrita de algumas palavras retiradas de produções textuais de alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro. A idade desses alunos vai dos 11 anos aos 13 anos, estando a maior parte da turma na faixa dos 12.

A referente atividade propunha que se estabelecesse a diferença entre fato e opinião. Para alcançar tal objetivo, houve o debate sobre o texto “A beleza” de Gonçalo Tavares, refletindo sobre o conceito de belo que o texto sugeria. A aula foi realizada a partir do *Caderno Pedagógico* disponibilizado nas escolas pela Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro. Assim, cada aluno, ao final da aula, produziu um texto expondo sua opinião sobre a questão do “céu cinzento” e o gosto das crianças no texto, realizando uma comparação com suas vidas.

Para a análise dos fenômenos que se apresentam a seguir, o apoio teórico usado foi o material distribuído pela Profa. Dra. Tânia Mikaela Roberto, de sua própria autoria e impresso pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no ano de 2013. Nele, a autora faz a divisão dos processos fonológicos em quatro grandes grupos: apagamento ou supressão, acréscimo, transposição e substituição. Estes se subdividem em ou-

tros fenômenos.

Deve-se considerar que muitos desses desvios ortográficos estão ligados à oralidade dos alunos, que por não estarem bem consolidadas ainda as regras da escrita, os educandos transferem as regras da leitura, o encadeamento sonoro, à escrita de palavras, apresentando os fenômenos de sândi, assimilação, apagamento de consoantes e vogais, dentre outros que são produzidos muitas vezes na leitura, mas que não estão de acordo com o sistema ortográfico vigente. Tais eventos foram encontrados mesmo na idade que supostamente já deveriam estar superados determinados “erros” na escrita padrão da língua portuguesa.

Os desvios ortográficos foram separados em dois grupos. No primeiro grupo, serão classificados os desvios ligados a quatro categorias dos processos fonológicos seguindo a classificação da Profa. Dra. Mikaela Roberto, no impresso “Guia introdutório aos estudos de fonética, fonologia e ortografia do português do Brasil”, cedido gentilmente aos alunos do curso de mestrado: processos por apagamento ou supressão, processos por acréscimo, processos por transposição e processos por substituição. No caso desses alunos em análise, percebemos que esses eventos estão ligados aos usos sociolinguísticos diversos que serão transportados para a escrita.

2.1. Apagamento ou supressão:

Desvios Ortográficos	Escrita Padrão	Processos Fonológicos
<i>luga</i>	lugar	Apagamento de Consoante em coda silábica
<i>lipo</i>	limpo	Apagamento de Consoante em coda silábica
<i>poblema</i>	problema	Apagamento de Consoante
<i>acredita</i>	acreditar	Apagamento de Consoante em coda silábica
<i>flizes</i>	felizes	Apagamento de vogal
<i>E bora</i>	embora	Apagamento de Consoante em coda silábica/desnasalização
<i>aguma</i>	alguma	Apagamento de Consoante em coda silábica
<i>pessos</i>	pessoas	Apagamento de vogal

2.2. Processos fonológicos por substituição

Desvios ortográficos	Escrita padrão	Processos fonológicos
<i>sopri</i>	sobre	Dessonorização e alçamento
<i>acustumadas</i>	acostumadas	Assimilação, alçamento e harmonia vocálica
<i>somido</i>	sumido	Assimilação, alçamento e harmonia vocálica

<i>gue</i>	que	Sonorização
<i>porgue</i>	porque	Sonorização
<i>costaran</i>	gostaram	dessonorização
<i>muitolegal</i>	Muito legal	Sândi externo
<i>escoro</i>	escuro	Sonorização
<i>acriança</i>	A criança	Sândi externo
<i>mutivo</i>	motivo	Assimilação, alçamento e harmonia vocálica
<i>zinzento</i>	cinzento	Assimilação e sonorização
<i>seu</i>	céu	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>pensarão</i>	pensaram	Desconhecimento da morfossintaxe e do contexto fonético
<i>serto</i>	certo	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>esquecem</i>	esquecem	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>asim</i>	assim	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>cenal</i>	sinal	Contexto competitivo de ordem fonética, assimilação e harmonia vocálica
<i>esguizito</i>	esquisito	Contexto competitivo de ordem fonética / sonorização
<i>estavão</i>	estavam	Desconhecimento da morfossintaxe
<i>cançada</i>	cansada	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>Passara pido</i>	Passa rápido	Confusão entre oralidade e escrita, contexto de fala
<i>De pois</i>	depois	Confusão entre oralidade e escrita, contexto de fala
<i>céuasú</i>	Céu azul	Sândi externo, confusão entre oralidade e escrita e contexto competitivo de ordem fonética
<i>felis</i>	feliz	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>ficol</i>	ficou	Contexto competitivo de ordem fonética (semivocalização – realização em posição geralmente de coda silábica)
<i>chuvozo</i>	chuvoso	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>acharão</i>	acharam	Desconhecimento da morfossintaxe
<i>pramin</i>	Para mim	Apagamento de vogal, sândi externo e desconhecimento da morfossintaxe
<i>poriço</i>	Por isso	Sândi externo e contexto competitivo de ordem fonética
<i>calsa</i>	calça	Contexto competitivo de ordem fonética
<i>mora</i>	moram	Desconhecimento da morfossintaxe

Em seguida, tem-se o segundo grupo, onde foram separados os casos em que os desvios ortográficos podem apresentar alguns dos processos fonológicos mencionados anteriormente, mas que mostram questões relacionadas à dependência de contextos: de ordem fonética, morfossintáticas ou semânticas gerando também, em muitos casos na língua portuguesa, alternativas competitivas, como também, problemas relacionados à translineação e a separação de sílabas.

A análise dos fenômenos fonológicos aparentes na escrita das crianças e pode vir a facilitar a intervenção do professor na tentativa de solução do problema, pois ele é direcionado ao foco das dificuldades.

Esse grupo específico de estudantes já domina a escrita alfabética,

porém, desconhecem regras de cunho fonético-fonológico e aquelas que dizem respeito ao conhecimento da morfossintaxe. Munidos dessa informação, o professor pode levar os alunos a refletirem sobre as regras que estão implicadas em cada situação, sempre propiciando a interação entre a criança e seu objeto de estudo.

O maior empecilho aparente serão os desvios motivados por contexto competitivo de ordem fonética, em que não há diretrizes, apenas a memorização resolveria. Para isso, nada como a realização de leituras regulares. O professor pode tentar trabalhar com as formas potencialmente perigosas e incentivar o uso do dicionário, pois o conhecimento do significado pode auxiliar na memorização da grafia dessa ou daquela palavra.

3. Considerações finais

Este artigo analisou desvios ortográficos de alunos com faixa etária entre 11 e 13 anos de uma escola pública do município do Rio de Janeiro.

Verificou-se que diversos desses “erros” acompanham grande parte dos alunos, já que os mesmos fenômenos se repetem. Essa é uma realidade vivenciada por muitos jovens do ensino público, que necessitam de medidas educacionais urgentes, a fim de tentar sanar esses e outros problemas. Professores de língua portuguesa experimentam grandes desafios em seu cotidiano, pois precisam ter o cuidado de elaborar aulas que abordem as diferenças das regras que norteiam a escrita e a leitura, de modo que evite o agravamento do problema, bem como, ressaltar a existência das variantes sociolinguísticas e que elas não devem interferir no processo de produção textual escrita, sem, contudo, ser considerado um “erro” em situações de oralidade.

Sugere-se o estudo da concepção de fonema por parte do educando como ponto de partida logo nas aulas iniciais deste ano escolar para que se desenvolva neles a plena consciência fonológica, pois a escrita desse grupo escolar, como percebe-se nos exemplos analisados, é repleta de eventos fonológicos equivocados e contextos competitivos que estão diretamente relacionados com a oralidade, processos fonológicos como os de sândi, alçamentos e assimilações, dentre outros, que são marcas trazidas da fala, fato este justificado por os alunos possuírem o costume de relacionar indiscriminadamente oralidade e escrita, sem traçar a devida diferenciação. Esses alunos acabam realizando o registro da língua de

forma “idêntica” ao da fala, pois não conseguem perceber o código escrito como sendo distinto da fala.

Outro assunto de extrema importância é a exploração da diferença entre linguagem coloquial e linguagem padrão, pois a melhor compreensão da pronúncia de prestígio e sua aplicabilidade na sociedade, sem discriminar a realidade e as variedades que as crianças trazem e vivenciam, auxiliará no entendimento da escrita, e, conseqüentemente, dos seus aspectos ortográficos.

É fundamental reforçar a necessidade de se rever aprendizagens que são consideradas “já sistematizadas em outros anos escolares” no sexto ano. Ao abandonar essas noções primárias como a consciência fonológica e a diferença entre oralidade e escrita, está se permitindo que esses educandos levem essas dificuldades ortográficas pelo resto de suas vidas, prejudicando seu próprio letramento e impedindo um melhor desempenho também nas demais disciplinas, já que todas são dependentes de uma boa desenvoltura no uso da língua.

O professor não pode esquecer que o trabalho ortográfico também necessita estar voltado para a reflexão, o contato direto com seu objeto de estudo e que a construção do conhecimento, partindo da oralidade, instrumento de comunicação dominado pelo aluno, favorecerá a especulação, criação de hipóteses sobre o sistema da escrita, tornando o aprendizado motivador e eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARUM, Sylvia Tavares. *Uma atividade de fixação e avaliação: Orientações sobre o ditado escolar em cartilhas e livros de alfabetização* (1900-1990). Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2758/27>>. Acesso em: 30-03-2014.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras /Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MONTEIRO, Carolina Reis. A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas. *Cadernos de Educação* [FaE/PPGE/UFPe]. Pelotas, n. 35, p. 271-302, jan./abr.2010.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Conhecimento linguístico e apropriação*

do sistema de escrita. Disponível em:

<http://www.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121017141358.pdf>. Acesso em: 01-2014.

_____. NASCIMENTO, Milton do. Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita. *Educ. Rev.* [on-line], n. 12, p. 33-43, 1990. Disponível em:

<<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n12/n12a05.pdf>>. Acesso em: 01-2014.

ROBERTO, Mikaela. *Guia introdutório aos estudos de fonética, fonologia e ortografia do português do Brasil*. Série Didática. Seropédica: UFRRJ/EDUR, 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOTO, E. U. M. S. *Varição/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. 2001. – Tese de Doutorado. UNESP, Araraquara.